

ISAIAH BERLIN

Ideias políticas na era romântica

Ascensão e influência no pensamento moderno

Organização
Henry Hardy

Introdução
Joshua L. Cherniss

Tradução
Rosaura Eichenberg



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2006 by The Isaiah Berlin Literary Trust
Copyright da organização © 2006 by Henry Hardy
Copyright de “As ideias políticas de Isaiah Berlin” © 2006 by Joshua L. Cherniss

Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Political Ideas in the Romantic Age — Their Rise and Influence on Modern Thought

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa

Getty Images

Preparação

Cide Piquet

Índice remissivo

Douglas Mathews (original)/ Todotipo Editorial (tradução)

Revisão

Carmen S. da Costa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Berlin, Isaiah, 1909-1997.

Ideias políticas na era romântica : ascensão e influência no
pensamento moderno / Isaiah Berlin ; organização Henry Hardy ;
introdução Joshua L. Cherniss ; tradução Rosaura Eichenberg —
São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Political Ideas in the Romantic Age — Their
Rise and Influence on Modern Thought

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1565-5

1. Ciência política - Filosofia 2. Ciência política - Europa -
História - Século 18 3. Ciência política - Europa - História -
Século 19 I Hardy, Henry. II. Cherniss, Joshua L. III. Título.

09-10323

CDD-320.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência política : Filosofia 320.01

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

<i>Abreviaturas e convenções</i>	9
<i>Prefácio do organizador</i>	11
<i>Pós-escrito ao prefácio do organizador</i>	23
 As ideias políticas de Isaiah Berlin: Do século xx à era romântica — <i>Joshua L. Cherniss</i>	 25
 Prólogo	 61
1. A política como ciência descritiva	77
2. A ideia de liberdade	149
3. Dois conceitos de liberdade: o romântico e o liberal	216
4. A marcha da história	270
Apêndice: Ética subjetiva <i>versus</i> ética objetiva	323
 <i>Resumos das Conferências Flexner</i>	 329
<i>Nota do organizador para o autor</i>	343
<i>Notas</i>	349
<i>Índice remissivo</i>	367

As ideias políticas de Isaiah Berlin

Do século XX à era romântica

Joshua L. Cherniss

O estudo da história da opinião é um passo preliminar à emancipação da mente.

J. M. Keynes¹

O uso da palavra “liberdade” é um dos indicadores mais seguros do ideal supremo de vida de quem a emprega, do que deseja e do que evita [...] um dos indicadores mais precisos da posição de um homem.

Isaiah Berlin²

I

Isaiah Berlin foi um pensador fundamentalmente assistemático. Sua obra explorou muitas disciplinas — principalmente a história das ideias, a teoria política, a filosofia analítica, a literatura russa, a política soviética, a filosofia da história e as ciências sociais — e abarcou um variado elenco de personalidades. Berlin não produziu nenhuma grande síntese ou *magnum opus*; por temperamento e por estilo, era um ensaísta. O pluralismo de valores e o liberalismo formaram os *leitmotivs* de grande parte de sua obra da maturidade;³ mas seus escritos não podem ser reduzidos a uma descrição sistemática ou a uma exposi-

ção abrangente de nenhuma dessas doutrinas. Entretanto, ainda que o pensamento de Berlin não constituísse um sistema centrípeto ou convergissem para uma solução única, ele de fato formava um todo coeso, que consistia num conjunto de interesses e convicções recorrentes, imbricados, inter-relacionados. Os temas que examinou ao longo de muitos anos e páginas se ajustaram por fim num padrão; mas são mantidos unidos antes por sua personalidade intelectual que por uma única ideia mestra, princípio condutor ou plano predeterminado.

Ideias políticas na era romântica (PIRA) não é uma soma da carreira de Berlin como historiador intelectual ou teórico político. Não é de modo algum a melhor, a mais original ou a mais interessante de suas obras históricas. Não é um exemplo característico de sua abordagem da história das ideias, pois carece em grande medida do *insight* psicológico e do foco em pensadores individuais que marcam os seus melhores ensaios históricos, nem oferece uma exposição abrangente de princípios metodológicos. E não contém ideias capitais que não possam ser encontradas — muitas vezes mais plena e coerentemente elaboradas — em seus outros escritos.

Entretanto, PIRA ocupa um lugar central na vida intelectual de Berlin; e, lido apropriadamente, revela muito sobre o desenvolvimento e a natureza de seu pensamento e carreira. Pois contém, frequentemente de forma embrionária, a maior parte das ideias e abrange a maior parte dos interesses que dominariam sua obra durante as três décadas seguintes. Aqui encontramos as primeiras manifestações de sua conceituação da liberdade, sua análise da filosofia da história e crítica do determinismo, e seus textos sobre o Iluminismo e seus variados críticos e sucessores — românticos, reacionários, historicistas e socialistas. Além disso, encontramos todos esses temas, que Berlin desenvolveria em ensaios separados ao longo de muitos anos, expostos lado a lado. PIRA nos ajuda a compreender o desenvolvimento do pensamento de Berlin e a apreciar sua unidade, além de nos lembrar o alto grau de sua ousadia como pensador. Por essa razão, é um documento importante para aqueles que desejam compreender sua obra e aprender com sua leitura.

II

Berlin iniciou sua carreira como um filósofo profissional, absorvido primariamente por questões da teoria do conhecimento. Embora esse campo de inte-

resse ainda esteja em evidência na sua obra posterior, a sua atenção intelectual se deslocou para outras áreas. Enquanto trabalhava em sua biografia de Karl Marx na década de 1930, ficou fascinado pelos precursores e exegetas de Marx, bem como pelos problemas da teoria social e política e pela filosofia da história que eles forçosamente propunham. A ameaça iminente do totalitarismo, que lançou uma sombra sobre os anos 1930, e sua experiência direta tanto da administração política nos Estados Unidos como do sofrimento da *intelligentsia* russa sob o stalinismo durante e imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, acabaram por voltar sua mente ainda mais para a política. Ele retornou a Oxford em 1946 mais envolvido com os acontecimentos políticos de seu tempo do que antes, e decidiu deslocar sua atenção da filosofia analítica para a história das ideias.⁴

Essa conjunção não foi fortuita. Para Berlin, a história das ideias não era só um tema de fascínio intrínseco, mas também um meio de compreender a si mesmo. Ele interpretava os conflitos políticos contemporâneos à luz da história das ideias, e se voltou para a história a fim de compreender o sentido dos conceitos que dominavam a política de seu tempo: procurou fazer com que as ideias passadas falassem aos problemas presentes. “As palavras, noções e atos políticos”, declarou, “não são inteligíveis a não ser no contexto das questões que separam os homens que os empregam [...] é provável que as nossas próprias atitudes e atividades permaneçam obscuras para nós, se não compreendemos as questões dominantes de nosso mundo.”⁵ Problemas sociais, políticos e morais surgem em todas as épocas. Mas as ideias têm um poder especial em momentos de mudança particularmente rápida e confusão aguda. Em sua aula inaugural como Professor Chichele de Teoria Social e Política em 1958, Berlin declarou que a sua própria época constituía um desses momentos: “não houve talvez na história moderna nenhuma outra época em que um número tão grande de seres humanos [...] tenha tido suas noções, e até mesmo suas vidas, tão profundamente alteradas, e em alguns casos perturbadas violentamente, por doutrinas sociais e políticas adotadas com fanatismo”. Alguns professores universitários e intelectuais podiam exercer um poder imenso e destrutivo; cabia a outros professores universitários e intelectuais compreender a sua influência, revelar os seus erros e fornecer uma compreensão mais clara e mais verdadeira da realidade.⁶ Essa foi a tarefa de que Berlin se incumbiu.

Mas por que abordar *historicamente* as ideias políticas? Porque, respondia ele, tais ideias eram fenômenos históricos. “A teoria política é um aspecto do

pensamento (e às vezes do sentimento) sobre a relação dos homens entre si e com as suas instituições, em termos de propósitos e escalas de valor que *se alteram elas mesmas em decorrência de circunstâncias históricas de tipos variados*, e, não menos importante, em termos de novos modelos derivados de outros campos da experiência.”⁷ Compreender as ideias passadas exigia o conhecimento das circunstâncias, sociais e intelectuais, das quais elas surgiram. Mas também dependia de que alguns aspectos da experiência humana permanecessem os mesmos, de modo que os problemas do passado continuassem a ser cativantes, e as reações a eles, compreensíveis, para os homens e mulheres do presente.

“[C]ada filosofia política responde às necessidades de seu tempo, e só é plenamente inteligível em termos de todos os fatores relevantes de sua era, e só é inteligível para nós na medida em que (uma medida muito maior do que alguns relativistas modernos querem nos fazer crer) temos uma experiência comum com as gerações anteriores.”⁸ Essas filosofias políticas sucessivas e concorrentes “não são comensuráveis, assim como os romances ou as histórias, que brotam de um determinado mundo e resumem cada experiência, não podem ser classificados em uma ordem estrita de mérito ou ‘progresso’, como se houvesse uma meta única que todas essas obras de arte estivessem buscando atingir”.⁹ Para contribuir à autocompreensão humana, o historiador das ideias não deve procurar classificar os sistemas de crenças do passado, nem retratar o inevitável progresso de um a outro, mas antes descrever os modelos dominantes que têm dado forma à experiência humana ao longo dos tempos, e que continuam por trás das perspectivas do presente. O modo de Berlin abordar a história das ideias era assim coerente com o seu pluralismo e sua filosofia antiteleológica da história.

Berlin considerava o período em torno da Revolução Francesa um divisor de águas político e intelectual. As ideias que surgiram nessa época continuavam a “formar o capital intelectual básico do qual [...] vivemos hoje em dia”; o discurso político da era de Berlin dependia dos “conceitos, da linguagem, até das imagens e metáforas que foram gerados durante aquele período”. Durante aqueles anos “as questões debatidas eram literalmente idênticas às que agitam os indivíduos e as nações” no presente.¹⁰ Embora repudiasse a prática de atribuir a culpa a pensadores passados, ou de ver a árvore ideológica em pleno florescimento na bolota de carvalho filosófica,¹¹ Berlin se esmerava por traçar ligações entre as ideias do passado que discutia e as pressuposições políticas e movimentos ideológicos do presente. Ele ligava o racionalismo e humanitarismo do Ilu-

minismo, bem como o utilitarismo dos *philosophes* mais radicais e de Bentham, ao liberalismo posterior de Mill, Morley, Wilson, dos arquitetos da Liga das Nações e da ONU, e aos opositores liberais do comunismo. Berlin se identificava com essa tradição; mas era também crítico de muitas das pressuposições dos *philosophes*, e especialmente daquelas dos fisiocratas e primeiros utilitaristas. E, se associava a influência do Iluminismo ao liberalismo, ele também a via nutrindo um dos rivais ideológicos mais traiçoeiros do liberalismo: o comunismo. Assim, o que via como a luta ideológica central do tempo em que ele escrevia, aquela entre o comunismo e a democracia liberal, era um conflito menos entre o Iluminismo e seus críticos do que entre diferentes dimensões e implicações dentro do Iluminismo e nos seus sucessores.

Berlin expressava uma ambivalência semelhante em relação ao lugar de Rousseau na história das ideias, ao valor de seu pensamento e a seu legado. Rousseau é aqui identificado como um adepto e como um crítico apaixonado do Iluminismo. É retratado como o progenitor intelectual do individualismo radical e do autoritarismo, do nacionalismo, com todo o bem e o mal que ele acarretou, e de todos os movimentos de “resistência à opressão estrangeira e nacional”, com seus nobres ideais e meios frequentemente destrutivos. Rousseau rompeu com o materialismo e cientificismo do Iluminismo radical, mas não com seu racionalismo, nem com sua convicção de que a liberdade podia ser conciliada com a ordem; assim, ele foi ao mesmo tempo longe demais e não longe o suficiente em sua revolta intelectual.

Berlin via a influência de Hegel em ação ao longo de todo o espectro político, influenciando fascistas, comunistas, imperialistas (todos aqueles a quem Berlin se opunha firmemente), bem como os republicanos liberais e os monarquistas constitucionais. Afirmava que os cientistas sociais (muitos dos quais, como mostram suas cartas do período, não gozavam de sua boa opinião),¹² assim como os “planejadores e os tecnocratas”, dos quais tinha muito medo,¹³ e os “*new dealers*”, pelos quais sentia admiração e simpatia, e com muitos dos quais tinha as relações pessoais mais calorosas, tinham todas perspectivas modeladas por Saint-Simon. Os opositores desses grupos — irracionalistas reacionários, existencialistas e outros expoentes intelectuais do “anti-intelectualismo” — eram os epígonos (às vezes involuntários) de Maistre e Fichte, respectivamente. Para Berlin, parafraseando Faulkner, as ideias passadas não estavam mortas; não eram sequer passadas.